

Diálogos contraditórios na escola: multiplicidade de vozes, valores e sentidos

Estou em fase de aprendizado do quanto perde o professor que não desenvolve o hábito de ouvir e não incentiva seus alunos e alunas ao diálogo.

O diálogo, fenômeno essencialmente humano nos deveria levar a duas dimensões: reflexão e ação. Assim, há que se questionar como a escola tem tratado as palavras. *Coisa morta? Sombra?* E quanto às crianças? A escola se abre para ouvir participar de seus diálogos?

Como professora posso dizer que já monopolizei espaços, mas estou em fase de aprendizado do quanto perde o professor que não desenvolve o hábito de ouvir e não incentiva seus alunos e alunas ao diálogo.

Explicitarei aqui algumas de minhas descobertas iniciais ao resgatar o papel das interações em sala de aula. Digo resgatar, pois estas sempre existiram e sempre vão existir ainda que *proibidas?* em sala de aula, por isso ficando *clandestinas?*

Descobri, através do diálogo, as diversas maneiras que meus alunos tinham de ver o mundo que os rodeava, suas percepções, que muitas vezes iam na contra-mão do que eu pensava *ensinar?*. Em uma conversa em sala de aula, cujo tema girava em torno de profissões, pude ser testemunha de ricos e instigantes diálogos: um de meus alunos me dizia que gostaria de ser *matador de aluguel?*, porque era uma profissão que ganhava muito dinheiro. A fala deste menino, que inicialmente me chocou, estava impregnada de pontos de vista e maneiras de encarar o mundo, trazia as marcas de um tempo caótico e violento, em que o *ter mais?* é enaltecido em detrimento do *ser mais?*. Para o aluno naquele momento não importava o que fizesse, mas sim quanto poderia lhe render financeiramente o que pudesse fazer.

Diante da fala do menino, e percebendo que para ele seus discursos eram absolutamente *tranquilos?*, senti uma enorme preocupação quanto àquela *normalização?*. Assim, resolvi interferir, *inocentemente?* e com ares de classe dominante, conversando com as crianças acerca dos perigos das profissões que o menino estava nos trazendo. Também tentei enfatizar que tais profissões não são regulamentadas, nem aceitas como profissões, e por isso poderiam ser perseguidas pela polícia. Mas fui interrompida pelo menino: *É profissão sim, tia! Você não disse que profissão serve pra ganhar dinheiro pra sustentar a família? Então... tem gente que sustenta a família assim.* Neste momento, fiquei perplexa. Talvez o aluno tivesse razão. Muitas famílias, poderiam fazer tais coisas apenas para sobrevivência. E eu me perguntava silenciosamente: E agora professora? Como dizer ao menino, que ele estava equivocado, se ele com grande astúcia e inteligência, justificava suas posições valendo-se de meu próprio discurso? Fui obrigada, a rever meus pontos de vista. Era impossível não *enxergar?* aquelas reflexões fundamentadas, não nos livros didáticos mas no cotidiano da vida do menino. O mais interessante é que por coincidência, dias depois do acontecido, ouvi de um comentarista renomado num noticiário de televisão, comentários sobre as *novas profissões da modernidade*, entre elas algumas citadas por meu aluno.

Posso dizer que no diálogo em sala, tentava convencer os alunos a não verem algumas profissões como *normais?* tais como traficantes, ladrões etc. No entanto, hoje percebo que tentava impor aos meus alunos a minha visão de mundo, apesar de naqueles momentos já também perceber que naquelas falas transpareciam vivências, experiências e visões de mundo. As palavras não eram *ocas?*, mas denunciavam a situação em que nossa sociedade vive. Transparecia para mim, no diálogo nascido em minha sala de aula a ligação entre linguagem e vida, entre realidade e cotidiano.

A situação me obrigava a perceber que aquele aluno não estava fora da história mas imerso nela, caso contrário, no que diz respeito às profissões agiria como autômato: eu falaria das profissões *normais e aceitas?* na sociedade e ele se calaria. Naquele diálogo confrontavam-se valores sociais, contradiziam-se vozes. Daí a sensação que me incomodava *a sensação do desencontro:* eu tentava falar a linguagem da escola, e meu aluno me trazia uma linguagem impregnada de vivências e de valores que se opunham aos que a escola pretende disseminar; Posso dizer que aquele menino, ao me surpreender com suas palavras, expressou um movimento de autoria de pensamento, penetrou na linguagem viva, real e por isso histórica. Acredito que é deste tipo de diálogo que a escola necessita, um diálogo repleto de vivências e experiências que ouse puxar os fios do conhecimento construído pelos sujeitos. Ou seja, como nos diria Paulo Freire: *dialogicidade como essência da educação voltada para a prática da liberdade.*